



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

Instituto de Humanidades

Bacharelado em humanidades

ALAIQUET PAPA VIEIRA CÓ

**REINADO DA ETNIA PEPEL NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO DE CASO DE
PEPEL DE BIJIMITA (1973-2023)**

**REDENÇÃO-CE
2024**

ALAIQUET PAPA VIEIRA CO

**REINADO DA ETNIA PEPEL NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO DE CASO DE
PEPEL DE BIJIMITA (1973-2023).**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC),
apresentado ao Instituto de Humanidades, da
Universidade de Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Humanidades.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luis Tomas Domingos (Orientador)

Prof. Dr. Carlos Subuhana (Examinador)

Prof. Dr. Maria De Fátima Souza Da Silveira (Examinadora)

**REDEÇÃO-CE
2024**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. PROBLEMÁTICA.....	9
3. JUSTIFICATIVA.....	11
4. HIPÓTESES.....	13
5. OBJETIVOS.....	13
5.1 Objetivo geral	13
5.2 Objetivo específicos	13
6. REFERÊNCIA TEÓRICA.....	13
6.1 Fanadu	21
6.2 Casamento tradicional da etnia pepel	22
7. METODOLOGIA	24
8. CRONOGRAMA	27
9. REFERÊNCIAS	28

1. APRESENTAÇÃO

A Guiné-Bissau é composta pela diversidade cultural, em que cada etnia tem a sua forma de conviver, de acordo com a realidade sociocultural que se encontra. Sendo assim, faz-se necessário abordar a respeito do processo de reinado tradicional da etnia pepel, especificamente do grupo étnico pepel de seção de Bijimita, setor de Quinhamel, região de Biombo. O grupo étnico pepel¹ encontra-se, em sua maioria, na região de Biombo e Sector Autónomo de Bissau. À vista disso, importa enfatizar que esse grupo possui as suas culturas e rituais valorizados nas comunidades pelos habitantes, como uma forma de preservar as suas crenças e ontologias.

Segundo Nanque (2022), afirma que existe uma história contada pelos habitantes da comunidade de região de Biombo que, esse grupo ao chegar à ilha de Bissau era constituído por sete pessoas e, em seguida, foi dividido em subgrupos, formando comunidades denominadas: Bandim, Biombo, Quinhamel, Bijimita, Safim, Bôr e Prabis. Todas essas referidas comunidades fazem parte da região de Biombo, exceto Bandim que faz parte do Sector Autónomo de Bissau.

Porém, segundo INEP (2009), atualmente a região de Biombo, em termos administrativos conta com três sectores: Biombo/Quinhamel, Safim e Prabis. Além do sector autónomo, ela é a quinta região com maior número de habitantes, concentrando um total de 92.665. Desse número, 43.559 ou 47,0% do total da população² desta parte territorial da Guiné-Bissau são homens e 49.106 ou 53,0% são mulheres.

Para Nanque (2022), a região de Biombo ocupa uma área de 838 km². Dentre estes sectores, a região é composta por secções constituídas por tabancas (aldeias). O grupo étnico cognominado de Papel foi dividido em dois grupos antes da época colonial chamados: Papel de Bissau e Papel de Biombo. Da mesma forma, cada grupo procedeu a sua subdivisão cujo

¹ Neste trabalho, vamos encontrar duas formas diferentes da escrita de palavra pepel, porque muitos intelectuais costumam colocar papel, mas eu prefiro usar pepel invés de papel, porque pepel é o nome próprio da etnia, pois segundo Nanque, (2014, p.24) por seu turno, os Pepéis teriam recebido esse nome pela função que eles desempenhavam nos primeiros séculos da dita descoberta pelos portugueses. Eles eram os intérpretes dos portugueses no interior do país. Por causa desta função, os portugueses os designavam como sendo aqueles que desempenham o “papel” de intérprete. Daí o nome de Papel ou pepel. Há ainda uma outra versão relativamente a este etnónimo ou denominação. Diz-se que os portugueses pagavam tributo aos régulos pepéis até finais do século XIX. Só anos mais tarde – ainda neste século - é que os portugueses impuseram o pagamento dos impostos de cabeça e de palhota aos nativos da Guiné. Conta-se que o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar os impostos de palhota e de cabeça impostos pelos colonizadores. Porém, sempre que recebiam a notificação de pagamento, levavam o “Papel” diretamente à administração, reclamando serem eles os donos do chão e que, por isso, não deveriam pagar nada.

² Vale salientar que em 2009 houve o recenseamento da população geral do país. Entretanto, de 2010-2024 ainda não se verificou o recenseamento da população. Se houve os dados mais atualizados, porventura os números seriam maiores.

objetivo seria a distribuição e ocupação territorial previamente delimitada pelas famílias fixadas. É importante frisar que, cada grupo tem seus traços linguísticos, assim como a etnia Balanta. Outrossim, faz-se necessário ressaltar que o referido grupo (Pepel) se dividiu em sete clãs (djorson) que são: *Djagra* com apelido de Nanque ou Ié cuja função seria de preencher posição do Rei (quer dizer o Rei principal deve ser escolhido neste clã/djorson), *Bassó* que tem apelido Có, *Badjucumó* com apelido Cá, *Batat* com Indi, *Bassuro* com Djú, *Bassafinté* com Té e *Baiga* com Sá. Sendo assim, os apelidos podem ser relevantes na identificação geracional (djorson³) dos indivíduos.

Segundo Pires (2021), a origem do povo Pepel, que reside maioritariamente no setor autônomo de Bissau e região de Biombo, que corresponde a (9,1%) da população total do país, fundamenta-se em relatos de tradição oral, já que há uma escassez de documentos escritos sobre o tema. A hipótese predominante é de que a etnia Pepel seja oriunda do povo Beafada, um dos outros grupos étnicos presentes na Guiné-Bissau e que habitam maioritariamente na província Sul do país, no eixo territorial de Fulacunda-Buna.

De acordo com Mota (1974 apud Pires, 2021, p. 27), perguntando pelo parentesco ou relações entre pepel e biafadas, muitas vezes, obtive a resposta: «mas nós somos o mesmo!». Porque dizem que a origem dos pepel é na etnia Beafada.

Em Quinara é contado que os pepéis saíram de Quinara. As fontes escritas mostram relações antigas entre biafadas e pepéis. Em consonância disso, O Bispo Frei Vitoriano Portuense (1974), deixava claro que os reis de Bissau tinham relações com Guinala, e que o rei de Guinala enviava o barrete vermelho sem o qual os reis de Bissau não exerciam o poder. Para Mota (1974, apud Pires, 2021, p.27), nos comentários do relato da segunda viagem do bispo, dizia que “a tradição que continua a correr entre os pepel respeitante à sua relação com os biafadas, já porque os primeiros habitantes da ilha teriam vindo de Guinara, já porque o famoso “irã”⁴ biafada de Buduco tem correlações com “irãs” de Bissau”.

De acordo com Djalo (2013), esses relatos, percebe-se, de fato que “há *djorçom* de pepel que saíram dos Massim de Buduco e de *Indjôdo*”. Além disso, na linhagem de cada *djorson* há potencialidades na tradição cultural entre ambas as comunidades e/ou sociedades locais. Com o tempo, estes povos passaram a ter régulos em cada aldeia/tabanca vocacionados

³ Djorson é o termo usado em crioulo (em Pepel, kinha) para identificar os membros de certa linhagem de ancestrais que têm algo em comum.

⁴ O espírito invisível, ao qual se atribui o dom da maldade ou da bondade, é chamado de **irã** em crioulo. Segundo Antonio Carreira, o nome **irã** deriva do nome **china (tchina)**, expressão anteriormente usada nas línguas africanas do Senegal e da Serra Leoa para designar os ídolos ou os símbolos. No entanto o seu uso na Guiné-Bissau é relativamente recente e dataria do século XIX, (DJALÓ, 2013, p.40).

a gestionar o poder (político, econômico, social, religiosos e resolução dos conflitos). Existem algumas semelhanças de costumes procedentes do imaginário e da superstição entre os pepel, os Mandjacos e os Mancanhas no que diz respeito às sucessões do reinado, rituais de casamento, toka *tchur*⁵ (criolo) e outras práticas ritualísticas de iniciação.

Sob esse viés, contextualizaremos a Guiné-Bissau e o seu sistema administrativo, com intuito de informar ao leitor a respeito dos espaços geográficos que constituem essa nação e, através do qual que lhe permitem estabelecer as políticas administrativas para controlar território e os recursos naturais do país.

Sob essa ótica, segundo RGPH (2009), a Guiné-Bissau está localizada na parte Ocidental da África, faz fronteira com o Senegal ao norte e à Guiné Conacri ao sul e leste. É banhada pelo Oceano Atlântico a oeste. Sua localização exata é entre os meridianos 13° 38' e 16° 45' oeste e os paralelos 10° 55 e 12° 40 Norte, tendo como meridiano central 15° a oeste do meridiano de Greenwich, Possui uma extensão territorial de 36.125 km².

O relevo, terra é um litoral bastante recortado mais alto nos alongamentos. Não há elevação expressiva, o ponto mais alto no interior do país tem 300 metros de altitude, ponto mais baixo, oceano atlântico (0 m), com o solo predominante dos ferralíticos vermelho e hidramáticos. No litoral próximo a Bissau há o arquipélago dos Bijagós com mais 40 ilhas, (RGPH, 2009).

De acordo com RGPH (2009), clima tropical quente e húmido com duas estações: A época das chuvas de maio a outubro, sendo agosto o mês de maior pluviosidade e a época seca de outubro, sendo abril e maio os meses mais quentes. As temperaturas médias a mais são de 30°C a 35°C, a vegetação é do tipo savana e floresta tropical.

Figura 1: Mapa Político/ Administrativo de República da Guiné-Bissau

⁵ Neste trabalho, as palavras em língua pepel ou crioula estarão grafadas em itálico.



Fonte: Guiné-Bissau Mapa. Disponível em: <https://rotasdeviagem.com.br/guine-bissau-bandeira-mapa/>. Acessado em: 20/06/2023.

Segundo RGPH (2009), no que se refere a questão administrativa, a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões - Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e mais o Sector Autónomo de Bissau (SAB). As regiões são dirigidas pelos Governadores Regionais sob tutela do Ministério da Administração Territorial.

De acordo com Gomes (2021 apud ENEME et al., 2018), a Guiné-Bissau, consoante o estudo realizado pela Associação Nacional das Empresas Metalúrgicas e Eletromecânicas (ANEME) em 2018, considera-se a etnia Balanta como a mais numerosa, com 27% da população, seguida por Fulas, com 23%, Mandingas, com 12%, Manjacos, com 11%, Pepéis, com 10%, e Felupes, Baiotes, Mancanhas ou Brames, Biafadas, Nalus, Bijagós e outras somando os 17% restantes. Concernente ao aspecto religioso, a religião tradicional africana (animistas) é a mais predominante entre os guineenses, com cerca de 44,9%, pois é conhecida como a pura religião dos povos guineenses e é praticada na base da tradição oral, seguida da religião islâmica, com 41,9%, dos cristãos, com 11,9%, e de outras (incluindo ateus), com 1,3%. A língua portuguesa, reconhecida como língua oficial, é falada por “apenas 27.1%, pois ela, muitas das vezes é aprendida nas escolas no momento que a pessoa inicia o seu percurso escolar, enquanto o crioulo língua-franca entre as diversas etnias, é falado por cerca de 90,4% da população” (ANEE 2018, p. 08); além das diversas línguas que são faladas por diferentes grupos étnicos do país.

Bijimita, é uma secção composta por 11 tabancas que são: Bissausinho, Ponta Cabral, Kufongho, Sabor pepel, Sabor Balanta, Om (centro), Reno, Nquitimul, Quiúta, Claque e Blom; dentro destas tabancas, a língua dominante é pepel, excepto na comunidade de Ponta

Cabral, Kufongho e Sabor Balante, porque a maioria dos residentes destas tabancas são da etnia Balanta. Aqui, vale salientar que, apesar de região de Biombo ser preponderantemente da etnia pepel, há outros grupos étnicos também instalam-se na região.

Segundo o recenseamento feito por Agente de Saúde Comunitária de Centro de Saúde de Bijimita (2003) explica que as crianças da faixa etária compreendida entre 0-59 meses somadas com adultos de 29 anos, totalizam 11.161 habitantes, que divididos em: 0-59 meses correspondem 17% (1897), 0-11 meses é de 3,7% (413), 0-11 meses é de 3,467% sobreviventes (387), 12-59 meses 13,3% (1484), 0-6 meses equivalem 10% (1116), 6-11 meses correspondem 2,3% (257), 9-11 meses é de 1,7% (190), 9-59 meses correspondem 15% (1674), 6-59 meses é de 15,6% (1741), 0-14 anos equivalem 48% (5357), 5-14 anos é de 26,7% (2900), 15 anos é de 57,5% (6418), grávida 4,5% (502), MIF 22% (2455), 1-29 anos 70% (7813), 15-29 30% (3343).

A maior parte da população desta secção sobrevive através do trabalho de campo e muitos jovens de faixa etária de 20 anos a 30 anos vivem mais na capital (Bissau), em busca do conhecimento, uma vez que não há escolas de nível superior ou universidades na secção para que as referidas pessoas possam continuar com os seus estudos após terem terminado 11º ano. Ainda, importa salientar que não existe 12º ano no Liceu principal da secção, somente em tabanca de Bissausinho que possui liceu com 12º ano, todavia é uma aldeia um pouco distante das outras aldeias e, é mais próxima de sector de Quinhamel. Sendo assim, muitos jovens das outras preferem ir para capital (Bissau), a fim de continuarem com os seus estudos.

Para Djaló (2013), na etnia pepel sempre existiu uma organização político-administrativa devidamente estruturada e baseada numa divisão territorial em regulados independentes umas das outras. Trata-se dos regulados de Antula, Bandim, de Intim Bôr, Djaal, Cumura, Prabis, Quiset, Bissalanca, Safim, Bijimita, Tor e Biombo. Cada um destes territórios tem o seu régulo para administrar o poder em termos administrativos, sociais, culturais, religiosos e gestão de conflitos sociais e/ou tradicionais, conforme a cosmoperspectivas do grupo, ou seja, as leis costumeiras que conduzem as suas práticas costumeiras.

Segundo a tradição, os regulados de Tor, Safim e Intim estavam outrora subordinados ao rei de Bassarel. Na verdade, como já foi evocado, a sociedade pepel apresenta uma estratificação social muito hierarquizada, com os chefes tradicionais, os nobres e os baloubeiros no topo de pirâmide social [...]. O clã ou a linhagem desempenham um papel muito importante na sua organização político-tradicional, na medida em que ele é o elemento determinante para o exercício das funções políticas. Das sete linhagens que constituem a etnia pepel, apenas os indivíduos pertencentes ao clã Intchassu (os “Djagras”— nobres) podem pretender a função de chefe tradicional, (DJALÓ, 2013, 98-99).

Na secção de Bijimita o reinado principal é ocupado pelos djagras e os reinados de outras tabancas da mesma secção pode ser ocupado pelos outros *djorson* conforme o pertencimento. A forma em que a sucessão do poder acontece na secção de Bijimita, quando o

último régulo morre ocorre novo processo, na qual as pessoas de linhagem de *djagra* que cumprem com requisitos estabelecidos, fazem *Pdjēck-ôssāk “Karmussa”*, isto é, o rito que o régulo faz para poder ter regalia de tomar posse, como novo régulo. Para os pepéis, o régulo é quem passa na frente para realizar qualquer cerimônia para o bem-estar do seu povo, posto que é a sua obrigação culturalmente, também deveria ser autor da preservação da sua cultura.

Segundo Matta (1981), no sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que conduz os aspectos rituais, explicando como o mundo pode e deve ser classificado, pois, através da cultura, consegue-se detectar as pessoas em certas circunstâncias por meio das suas culturas. A cultura seria uma alma de um pouco e ela também é mutável.

A cultura, neste aspecto, pode desempenhar um papel tradicional, indicando de maneira geral, os exemplos de como os nossos antepassados desempenhavam os seus papéis tradicionais que os levavam a salvaguardar as práticas do costume ligado à ancestralidade. Matta (1981) considera que a cultura é um processo de construção social em que diferentes sociedades constroem significados diferentes para as mesmas coisas, segundo as suas particularidades históricas e contextuais.

2. PROBLEMÁTICA

Podemos ver que, primeiramente, os régulos tradicionais da etnia pepel eram independentes, pois governavam de acordo com a regra tradicional sem nenhuma influência do outro poder que lhes pudesse impulsionar a fazer o que não queriam fazer. Os régulos de *Bijimita* sempre estiveram ligados pela sua história, do passado, os seus chefes tradicionais recebiam as designações respectivas de *Bouker*⁶ ou *Irã*⁷.

⁶ *Bouker*, é um espírito invisível da etnia pepel, pois estes *Bouker* segundo a tradição são as pessoas bons de *djorson* que morreram, mas volta defender as pessoas da sua *djorson* ou duma determinada *morança*.

Cada *djorson* tem o seu *Bouker e Irã*, com isso antes de ir *karmusar* o reinado tem que pedir *Bouker* ou *Irã* para ver se o caminho está limpo para seguir com as cerimônias de *karmusa*. Nesta busca de saber se vão poder participar ou não, levam sempre a galinha como uma coisa em que podem descobrir a verdade do processo.

Exemplo: Eles vão matar a galinha se ela tornar preto isso significa o caminho está susã a pessoa não deve participar no ato de *karmusa*, mas tornar branco, aquilo significa alguém pode participar sem nenhuma dúvida.

Bouker e Irãs de cada *djorson*, são considerados como suporte dos indivíduos pertencentes daquela *djorson*, também são suportes dos régulos, pois eles consultam sempre estes espíritos para saber se estão sofrendo algumas perseguições ou tem a cerimonia que a *djorson* deve fazer para sair numa situação de perigo caso houver.

A espiritualidade na etnia pepel é uma questão de grande importância, pois não podemos falar da tradição pepel sem tocar a questão da espiritualidade. Porque todos os rituais desta etnia baseiam-se na espiritualidade.

⁷ *Irã*, de acordo com a tradição, ajuda a gente a ultrapassar os problemas. Além disso, podemos ver que tem vários *Irãs*, entre os quais temos: *Irã* da mata, *Irã* da chuva, *Irã* de lavoura, *Irã* da morança.

Irã da mata, serve para controlar uma determinada jona da mata; *Irã* da chuva, é quando a chuva demora para chover os anciões peçam a este *Irã* a chuva; *Irã* da lavoura, aquilo serve para ajudar na questão da agricultura, quando vão começar a lavoura tem que pedir primeiro a esse *Irã* e do mesmo jeito no momento da colheita tem

Para Caomique (2022), Consequentemente com a chegada dos portugueses, as lideranças tradicionais foram impedidas de executar as suas atribuições convencionais nos casos em que estas se contrapunham aos interesses da metrópole, a partir do momento ditos “civilizados” desprezaram totalmente a cultura dos povos guineenses. Pois estes povos foram usados na cobrança de imposto, no alistamento militar e na seleção dos nativos para o trabalho forçado, funções que os sistemas políticos endógenos não lhes concediam.

Valendo-se de justificativas oriundas de diversos campos do saber, os apologistas da superioridade racial e cultural fizeram idealizações subjetivas e elaboraram discursos racistas e sexistas para sustentar a dita inferioridade dos africanos e o atraso das suas manifestações culturais. Aliados ao sistema colonial, alguns missionários, comerciantes, escritores e políticos europeus deram o início ao processo de desumanização dos africanos e das suas estruturas organizacionais ((CAOMIQUE, 2022, p.27).

Nesse processo, Caomique (2022), mostra que a nova legitimidade forjadas pelos colonos não se coaduna de forma nenhuma com o poder dos antigos régulos, pois os portugueses achavam dinamizar as novas formas de funcionamento de poder tradicionais, na base de aquilo, intencionalmente, omitida dos relatos sobre o continente e criou-se uma narrativa deslocada em que os africanos apareciam como pessoas sem cultura, sem história, nem capacidades cognitivas e organizacionais.

No período que se seguiu à independência, o destino dos régulos de *Bijimita* foi diverso. No ano 1960, Abaina Cá era colaborador de administrador de sector de Quinhamel, pois sistema administrativo era ligado com os colonizadores. Sendo assim, foi acusado pela população de *Bijimita* de manter colaboração com a administração colonial, indo contra os interesses da população de *Bijimita*. Ele advertiu os colonizadores a respeito do descontentamento dos régulos com a sua atuação, avisando aos seus comparsas coloniais que estava sendo ameaçado pelos seus conterrâneos anciões de *Bijimita*. Pouco tempo depois, Abaina Cá teria sido atingido à noite por um grupo de indivíduos desconhecidos, quando estava saindo do encontro com administradores. A vítima não aguentou os ferimentos, mesmo tendo sido socorrido por *cansare* (casa de régulo), tornou-se óbito (ALUSIVO, 2021)

O reinado tradicional na etnia pepel da Guiné-Bissau é uma instituição ancestral que desempenha um papel central na organização social e política das comunidades locais. No

que pedir antes de começar, enquanto *Irã* da morança é para controlar a morança para que não aconteça uma coisa de mal.

Têm também os outros *Irãs* que é *Irã* de baloba e *Irã* de fanadu. *Irã* de baloba, é para todas pessoas, pois chega um momento em que indivíduo faz sacrifício a esse *Irã* para pedir algo da sua necessidade.

Irã de fanadu, fica também na mata onde se realiza o ritual de fanadu, mas há certas pessoas que fazem contratos com esta *Irã* de fanadu para os seus negócios.

Neste trabalho, vamos encontrar duas formas de escrever a palavra *Irã*. Preferimos escrever *Iran* não *Irã* para manter a palavra *Iran* na sua originalidade da tradição.

entanto, ao longo do período de 1973 a 2023, a Guiné-Bissau passou por significativas mudanças políticas, sociais e culturais, incluindo a independência do país, conflitos internos e influências externas.

Diante desse contexto de transformação, surge a necessidade de compreender como o reinado tradicional de seção de Bijimita da etnia pepel foi afetado por essas mudanças e como ele se adaptou ou resistiu a essas influências.

Na base disso, indaga-se: como tem sido o processo de reinado da etnia pepel na Guiné-Bissau na seção de Bijimita (1973-2023)? A partir da pergunta principal, desdobram outras questões secundárias como: como se faz a sucessão do reinado na etnia pepel de Bijimita? O que é necessário fazer para ser régulo? Há problemas de sucessão de reinado em Bijimita? Como a comunidade se organiza para ultrapassá-los?

3. JUSTIFICATIVA

O meu interesse acerca deste assunto partiu da minha experiência como sujeito que fiz parte do grupo étnico pepel e que vivi toda minha fase de adolescência nesta secção. Durante a minha convivência em Bijimita, observei como o reinado é valorizado, dado que é uma tradição que as pessoas sentem orgulho de cumprir, posto que consideram os que cumprem essa tradição (processo de reinado) como “homens completos”. Sob essa ótica que pretendo pesquisar essa temática com intuito de saber como tinha ocorrido processo de reinado desse grupo étnico, a partir de 1973 a 2023. Por outro lado, faz-se necessário mencionar as diversidades culturais na Guiné-Bissau que podem nos ajudar a compreender de como a sociedade se estruturam socialmente ao longo dos tempos. À vista disso, é importante deixar claro que as práticas tradicionais servem como um processo de transmissão de costumes oralmente, de pessoas a pessoas, de sociedade a sociedade, herdadas de geração a geração.

No que tem a ver com a terra, Domingos (2011), aponta que para os africanos, antes de ser o espaço do qual o homem se apropria, é uma entidade espiritual na qual ela se encontra e valoriza a sua identidade (cultura) étnica. Potência indispensável para a vida, ela é o lugar vital que possui o homem e a mulher, que nasceu da terra, e a ela retorna na morte. Neste sentido, a relação entre o homem e a mulher com a terra está no plano cosmológico, é como a ligação entre a criança e seus genitores biológicos que torna raro de afastar-se uns aos outros. Porque, muitas coisas que se realizam no contexto africano estão ligadas à ancestralidade, a qual se faz no sentido de manter a tradição.

O presente projeto se justifica por vários motivos, entre os quais se destacam a relevância social, política, cultural e acadêmica.

Concernente a importância social, tem a ver com o intuito de proporcionar à sociedade guineense a valorizar os valores deixados pelos nossos antepassados que têm estado a perder espaço devido à assimilação dos costumes ocidentais, ou seja, a modernidade. A cultura é uma das principais formas de expressão e construção da identidade de uma sociedade, e, por isso, a sua relevância social é evidente. Ela não só proporciona valor estético e intelectual, como também ela faz parte de identidade de cada grupo étnico que compõem mosaico guineense.

No que tange a relevância política, esse projeto de pesquisa pode ser futuramente um elemento instigador para o Estado guineense em relação às políticas voltadas para a valorização das práticas culturais tradicionais e da sua importância na manutenção da coesão social dos diferentes grupos que habitam o território guineense. Como aponta JF Nanque (2021), que é essencial que a cultura seja levada em consideração na política e na pesquisa, a fim de desenvolver políticas que atendam às necessidades e desejos das comunidades e para garantir que tudo seja realizado de forma ética e eficaz. Ainda bem de maneiras diversificadas em diferentes culturas, dependendo das percepções e crenças existentes naquela cultura.

Em relação ao aspecto cultural, justifica-se tendo em conta o cenário de globalização que os países são sujeitos a se envolverem em trocas de várias dimensões, neste sentido, torna-se pertinente a preservação das nossas culturas e modos de ser, razão pela qual, é fundamental propor uma abordagem desse tipo que visa a chamada de atenção para a valorização e recuperação das nossas identidades.

Com isso, a preservação da relevância cultural é importante porque permite a continuidade e a transmissão de tradições e conhecimentos valiosos de uma geração para outra. Também promove a compreensão e a apreciação de diferentes culturas, ajudando a combater o preconceito e a intolerância. E, por último, a relevância acadêmica, justifica-se por ser mais um elemento que poderá enriquecer a bibliografia sobre a Guiné-Bissau que, como é sabido, existem poucas produções acadêmicas voltadas para essa temática devido às conjunturas estruturais que afetam o sistema de ensino na Guiné-Bissau e do campo da pesquisa. Além disso, poderá servir de um arcabouço da minha parte como futuro pesquisador nesse campo, acredito que vai enriquecer a minha trajetória acadêmica. Por outro lado, é extremamente relevante na academia, pois permite a compreensão e o estudo dos costumes, hábitos, crenças, valores e práticas sociais de diversas sociedades e grupos. Esses estudos são

importantes, pois possibilitam a análise e entendimento das diferentes formas de vida, apropriação de conhecimentos produzidos por essas sociedades, além de proporcionar uma reflexão crítica sobre a própria cultura, (JF NANQUE, 2021).

Portanto, esses fatores impulsionaram-me a tentar perscrutar o estudo sobre o reinado para poder enriquecer a literatura guineense no aspecto cultural no sistema tradicional do reinado na etnia pepel em Bijimita, pois com esta pesquisa vai ajudar solucionar os aspectos do reinado nesta localidade, uma vez que se sabe que não se pode resolver qualquer que seja problema sem ter a noção do que está acontecendo.

4. HIPÓTESES

H1 – Há falta de entendimento entre *djorsom* (*hínha*) que faz parte deste processo de reinado, ainda mais pode-se verificar que, depois que a Guiné-Bissau tornou independente em 1973 os processos de sucessão de reinado em seção de Bijimita sempre foram marcados pelas mãos ocultas dos políticos, intensificando ainda mais os conflitos.

H2 – Constata-se que o conflito que se verifica tem a ver com a questão do poder, em que cada um pretende sentar no reino para poder beneficiar dos bens materiais/econômico e simbólicos que os régulos das outras tabancas de Bijimita vão pagar nas mãos deles como dote no momento de *djeck-osack*.

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Compreender o processo de reinado da etnia pepel na Guiné-Bissau na seção de Bijimita

5.2 Objetivo específicos

- Analisar conflito que se verifica no processo de reinado de pepel de Bijimita;
- Investigar o papel do reinado na coesão social, preservação cultural e desenvolvimento da comunidade;
- Identificar as estratégias culturais e políticas empregadas pelos pepel de Bijimita para manter e fortalecer o seu reinado ao longo dos tempos.

6. REFERÊNCIA TEÓRICA

Com intuito de alcançar a nossa pesquisa, selecionamos os seguintes trabalhos: Djaló (2013), Domingos (2011), Carvalho (2003), Carvalho (2004), Cassama e Maio (2015),

Cardoso e Ribeiro (1986), Pires (2021), Bicari (2004), Té (2016), Nanque (2023), Hampaté bâ (2010), Ki-Zerbo (2010), entre outros. Uma vez que servirão de aporte teórico da nossa pesquisa.

A cultura é um dos elementos fundamentais para a compreensão da vida social dos povos. Na base disso, pode-se encontrar algumas abordagens antropológicas que consideram a cultura como uma prática social dinâmica e construída socialmente e, é um conjunto de significados compartilhados pelos membros de uma sociedade que moldam as suas práticas e comportamentos. Ainda, a abordagem antropológica enfatiza que a cultura não é algo fixo e estático, mas, sim, algo que está em constante mudança, moldada pelos interesses e valores das pessoas que a compartilham. Além disso, é um processo de construção social em que diferentes sociedades constroem significados diferentes para as mesmas coisas, conforme as suas particularidades históricas e contextuais.

Razão pela qual, a cultura é um elemento fundamental na formação de uma identidade coletiva e na criação de relações sociais, bem como na construção da vida quotidiana das pessoas. A cultura, portanto, é um elemento central para a compreensão da vida social dos povos, sendo fundamental para que se possa entender os seus hábitos, crenças e modos de vida e propõe uma visão abrangente da dinâmica cultural, que compreende a sua dimensão simbólica e histórica.

De acordo com Djaló (2013), no concelho de Bissau sempre existiu uma organização político-administrativa devidamente estruturada e baseada numa divisão territorial em regulados independentes uma das outras, em que cada qual administrava o seu *osack* (terra). Estes reinos mantiveram-se sempre unidos em resolução de qualquer problema que engloba todos pepéis.

Os régulos tradicionais são estruturas políticas que existiam antes da chegada dos portugueses à Guiné, Tinham atingido, em diferentes graus, um certo nível de desenvolvimento, de organização política e social. Esses poderes tradicionais hereditários tornam-se, em alguns casos, eletivos sob a influência portuguesa, mas não eram nem sagrados nem divinos (DJALÓ, 2013, p.78).

Com a chegada dos colonizadores no continente africano, as comunidades locais sofreram transformações causadas pelo processo de colonização.

Em todo o continente africano e, em particular, na África Ocidental, o fim dos regimes coloniais caracterizou-se como uma época de contestação do poder tradicional a que se seguiu, paradoxalmente, o reavivar da instituição em numerosos contextos. Esta contestação apontava para a associação interesseira entre os representantes do poder local e as diferentes administrações coloniais as quais procuravam, por seu intermédio, obter o controle da população (CARVALHO, 2003,p.10).

Os conflitos foram acontecendo em todas as dimensões da vida: cultural, política, territorial, econômica etc. Em muitos casos, esse conflito agravou-se e afetou severamente os nativos. Para Carvalho (2003), a negação cultural era tão intensa e radical que o colonizador olhava para o nativo e o considerava grosseiramente o “sem cultura”, “sem civilização”, portanto, uma tábua rasa ou um nada. Com essa construção do Outro, começaram a fazer-lhes deixar as suas tradições. Pois a ideia da degradação histórica e a escravização são apontadas não só como malhas que sufocam e humilham o sujeito africano, mas também destroem a mente humana, devido à negação da sua identidade.

De acordo com Carvalho (2003), esta tendência acentuou-se após a independência, quando os novos líderes (políticos africanos) procuraram criar estados-nação que ultrapassassem as divisões coloniais. Como se pode ver nos exemplos que se sucederam por toda a África Ocidental: na Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, depois de um período de manipulação dos chefes tradicionais pela administração colonial, que tivera uma influência direta na indignação e empoçamento de muitos deles e lhes atribuíra, inclusive, uma remuneração oficial, capturando o apoio desses chefes tradicionais interessados em continuar a colaborar com o poder governamental no sentido de trazer cada vez mais as informações locais.

Segundo Carvalho (2022), entretanto, admite-se que alguém que está com o desejo de poder ou de não sofrer acaba por aceitar as diligências dadas por parte do opressor (desde 1934), a instituição tradicionais foi definitivamente abolida em 1957 e considerada “ineficaz” (SURET-CANALE, 1980); na Nigéria, nos anos que se seguiram à independência, foram retiradas as prerrogativas dos chefes tradicionais. O fenômeno, segundo Barnes (1996) e Bayart (1989), estendeu-se a todos os novos estados africanos em construção. Todavia, decorridas quatro décadas sobre os processos de independência e contrariando às expectativas desse período, tem-se assistido à renovação de chefes tradicionais de origem pré-colonial, colonial ou mesmo à criação de novos chefes em numerosos países da África Ocidental.

Mas, para muitos guineenses, este poder tradicional tem-se envolvido, de forma direta, nas disputas políticas, pondo em causa o seu real papel, que é dirimir os conflitos e promover a conciliação nas sociedades comunitárias, sob as suas respectivas jurisdições. O jurista Sileimane Cassamá, conhecedor do exercício do poder dos régulos na Guiné-Bissau, destaca o papel reservado, pela Constituição da República, a essa classe do poder tradicional. “Não é um poder político e não pode enveredar-se pela política. A função do régulo é servir de ponte entre a estrutura administrativa do Estado e as suas respectivas comunidades”, explica Cassamá. Por seu lado, o investigador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa e jurista Fodé Mané considera que “a legitimidade do Estado vem das leis que são montadas, consoante as estruturas dos órgãos do Estado, enquanto a legitimidade do poder tradicional, vem da base, da comunidade e da tradição”. Para ele, “quando esses dois poderes estão a misturar-se, há risco daquele que tiver mais poder engolir o outro”. Em consequência do envolvimento dos régulos nas atividades políticas, Suleimane

Cassamá alerta que “o régulo acaba por envolver-se em conflito que vai contra as regras do seu regulado”. Neste caso, “não é só uma questão de credibilidade, mas é uma questão de manutenção do régulo, como tal, na comunidade a que pertence”, conclui o jurista. Na actual crise política, os régulos, agrupados na Confederação Nacional dos Regulados da Guiné-Bissau, foram chamados em diferentes ocasiões para darem a sua opinião. (CASSAMA, MAIO, 2015, p.15).

Tudo isso, demonstra que os régulos são responsáveis pela criação dum bom clima na tabanca para garantir uma condição de segurança aos seus cidadãos, pois, deveriam afastar certas coisas que vão pôr em causalidade a sua função.

Segundo Cardoso et al., (1986), a história da presença dos portugueses na Guiné-Bissau pode ser dividida em três períodos distintos. Primeiro, que vai do séc. XV por volta de 1850, é aquele em que os negociantes Portugueses eram considerados como “imigrantes” em território estrangeiro (África), cujo o objetivo de realizar o comércio. Pagavam um tributo aos régulos africanos, devido ao seu estatuto de comerciantes europeus. Os régulos controlam os territórios em que os português queriam fazer comércio. Esse imposto tinha sido designado de Daxa. Conforme Honório (1843 apud CARDOSO et al., 1986), afirmam que, cada navio que entrava no ponto, o governo pagava dois régulos um imposto, que se chama – Daxa- talvez corrupto de taxa. Os portugueses usavam estes mecanismos para poder ganhar mais espaços ou a confiança dos régulos.

Em seguida, o segundo período vai de 1850 a cerca de 1900/1915, este período foi caracterizado por um certo momento de equilíbrio de poder entre as duas forças em presença: a euro-colonial (especialmente a portuguesa) por um lado, vivendo nas praças e fortalezas, e a étnico-africana por outro, cujos reis locais dominavam todo o território fora das fortalezas, lembrando que antes da chegada dos portugueses o território africano era dominado e controlado pelos *régulos*, ditos chefes da *moransa*. No começo deste período, as Daxas iniciam a sua gradual descida, devido ao paulatino aumento do poder defensivo dos portugueses, não obstante, pode-se dizer que o equilíbrio entre as duas forças originou a descida da Daxa. Pois, este período termina com as ditas campanhas de “pacificação”, a partir da qual se efetiva a dominação colonial sobre a maioria das populações opositoras (CARDOSO et al., 1986)

O terceiro e último período da presença colonial portuguesa na Guiné, segundo Cardoso et al., (1986), foi aquele durante o qual a população e as riquezas naturais se tornaram um apêndice da economia portuguesa, este período marcou um momento difícil para Guiné, pois com o foco de se libertar dos portugueses que lhes obrigavam fazer o que não queriam fazer. Começou a luta contra os colonizadores por volta de 1920, logo após as guerras da campanha, e termina, oficialmente, em 1974 com a queda do fascismo em Portugal

e reconhecimento do direito, por parte deste país, da independência política da Guiné-Bissau, proclamada unilateralmente em 1973, nas zonas libertadas pelo PAIGC.

Em seguida, Cardoso et al., (1986), até 1915/1920, ou seja, antes da implantação da dominação efectiva, os pepéis de Biombo encontravam-se dos regulados, com a perspectiva de conduzir, aliás organizar a sociedade pepel e preservar as suas práticas tradicionais para que os nascentes não percam com a noção da cultura étnica pepel, com isso, a etnia pepel é uma das etnias na Guiné-Bissau que não deixou de lado as práticas dos antepassados. A autoridade máxima era o régulo, que habitava a povoação de Dorce, e era representado nas outras povoações pelos chamados "filhos do régulo" que eram uma espécie de chefe de povoação que correspondia com o régulo principal, caso houver uma coisa que está fora das suas competências. A função principal do régulo era para além da justiça, executar as cerimônias mágico-religiosas que cada atividade de cada ano exige.

Segundo Cardoso et al., (1986), após ditas campanhas de pacificação em que os portugueses se basearam nas fulas de Abdul Injai, e durante aquela, população do regulado de Biombo, dirigido pelo seu régulo na altura (de nome N'kanandê, este régulo segundo a história contada pela comunidade era um chefe tradicional que nem permitia que os colonizadores violassem as suas tradições, com isso, evidenciou uma forte resistência, iniciou-se a desestruturação do sistema político e socioeconómico deste regulado que os portugueses queriam pôr para corresponder com suas aspirações.

Conforme Cardoso e Ribeiro (1986), na estrutura política dos regulados, vê-se que a propriedade da terra anda associada com a cerimônia mágico-sociais de grande influência. Na base daquilo que obriga qualquer pessoa que quer fazer a cerimônia ou saiu do outro lugar para ir fazer a cerimônia na terra de pepel, tem que chamar o régulo para fazer-lhe a essa cerimônia ou o régulo delegar a pessoa que vai-lhe acompanhar no ato da realização da cerimônia. Neste contexto, o régulo, o chefe, o homem notável, são na realidade tidos como os intermediários indispensáveis nessas cerimônias para que faça arrendamento.

De acordo com Pires (2021), régulo (*inlin*) na etnia pepel significa chefe da tabanca que tem a função de liderar o povo pepel, supervisionar a escolha e o trabalho dos chefes das outras *tabankas* que pertence aquela região ou setor, participar de determinados rituais religiosos que visa valorizar a tradição étnica pepel, representar os interesses da etnia no Comitê do Estado, resolver conflitos internos, aplicar a justiça e preservar o contrato de *tchon* com o *osai oek*. Há um *inlin* para cada chão pepel.

Um *tchon* Pepel é organizado politicamente em estruturas chamadas de reinados. Em um chão Pepel pode haver mais de um reinado. Embora esses reinos não sejam considerados, pelo governo central do país, como espaços administrativos

autônomos, neles é possível a seus habitantes a liberdade de vivenciarem seus ritos e costumes tradicionais sem sofrerem represálias. Desde que tais ações não interfiram nos objetivos políticos do governo guineense, (PIRES, 2021, p.119).

O *tchon* consiste num território de extensão variadas “propriedade” de uma particular etnia ou povo que, (CARDOSO, 2004) desde antiguidade, exerce um certo poder sobre todos os indivíduos e grupos que sucessivamente vieram a morar neste *tchon*, mesmo os de outras etnias serão controladas por estas pessoas e serão obrigados a cumprir com a lei daquele *tchon*.

Para Cardoso (2004), a etnia *dunu di tchon* como tal, e personificada normalmente pelo líder descendente da mesma etnia e da linhagem de (*djorson*), que deu nome ao *tchon*, por isso este líder é o verdadeiro *dunu* de *tchon*, como no caso de *djagras*, eles dominaram toda terra da etnia *pepel*, por ter vencido a guerra dos *djorson*. Por vezes há um líder supremo de todo o *tchon* que tem a voz de comando por toda parte, outras vezes há um líder para cada núcleo de comunidade, este também é *dunu* de *tchon*, como o que acontece na seção de Bijimita. Há régulo principal de Bijimita e régulos de núcleos que compõem Bijimita que trabalham em colaboração com o régulo principal. Pois qualquer problema que está fora da competência dos régulos de núcleos será levado ao régulo principal.

Segundo Bicari (2004), cada *moransa* tem um chefe que criou ou herdou segundo as normas vigentes na *djorson*; porque cada *djorson* tem a sua forma de funcionamento e tem os anciões que encarregam de fazer os que estão nascendo dentro desta *djorson* a saber tudo o que aconteceu na *djorson* até nos dias atuais. Este chefe exerce a autoridade de pai sobre todos os membros da mesma e tem o papel de representante autêntico da *moransa*, pois a confiança da comunidade é depositada nesta pessoa como *n’hin-n’heck* (ancião).

Para Cardoso (2003), a etnia *pepel* tem sociedades muito estratificadas, com fortes hierarquias tendo no seu topo a figura do régulo e os seus vários conselheiros e *odjangho* (quer dizer alguém que assume o papel de estar com o régulo desde o dia em que ele realizou o ritual di (*ya-osack*). A ascensão ao cargo de régulo obedece as normas sucessórias dos direitos costumeiros inerentes a cada um dos grupos ou cada etnia, como acontece também com os manjacos. O régulo, na qualidade de entidade suprema de tabanca ou de grupo de tabancas enquanto unidade política e geográfica, é rodeado de uma corte que, entre outras funções, vela pelo comprimento das decisões por ele tomadas, sob pena de aplicação de sanções na base das ordens tradicionais. Em qualquer uma destas comunidades étnicas é o régulo quem decide sobre o período de realização de certas cerimônias como as do *fanado*.
Como se vê

aos antigos reinos papéis, constituídos em regulados pela administração colonial portuguesa, sobrepuseram-se às regiões administrativas definidas pelo governo guineense após a independência do país em 1974. Apesar de uma certa reacção contra a autoridade tradicional dos régulos no período pós-independência, a partir da década de noventa assistiu-se a uma revitalização do poder tradicional e à recuperação da instituição dos regulados (Carvalho 1998). O régulo é, actualmente, a personificação da autoridade costumeira, e convive com as instituições criadas pelo estado guineense, nomeadamente os Comités de Tabanka. Deste modo, o régulo continua a deter uma posição proeminente no seio da sociedade papel e a sua autoridade é decisiva na resolução de problemas do quotidiano assim como na celebração de cerimónias e rituais, já que o seu cargo se reveste também de uma dimensão religiosa importante, (CARDOSO, 2003, p.180).

Para os pepéis, a religião é o pilar do conjunto de preceitos e normas que regem a sociedade que ajuda a cada etnia a seguir as suas tradições. Como aponta Cardoso (2003), consideram a existência de um ser superior, *Utchi* (Deus) e de inúmeros espíritos, denominados *irãs*, em criol (ussái, em pepel), que se encontram em diferentes locais e podem adquirir as mais variadas formas, muitas das vezes na região de Bimbo, *irãs* se encontram junto ao poilão, *baloba* etc. Tal como no resto de África, a religião está intrinsecamente ligada a todos os outros aspectos da cultura e pode ser analisada pela antropologia como um fenómeno baseado na interação humana, dada a relevância que adquirem acções, gestos e performances que nela encontra, que se sobrepõem a dogmas e teologias de Van Beek, Blakely, (1994); Blakely e Blakely (1994.)

De acordo com Cardoso (2003), consubstancialização através da reencarnação e das várias formas de comunicação com o além, a relação com os antepassados é perpetuada em cada gesto do quotidiano papel. Antes de se começar a comer os régulos pepéis derrama-se arroz e bebidas normalmente aguardente de cana ou vinho de palma - pelos antepassados. Isso demonstra a preservação da realidade e respeito aos antepassados da realidade dos povos tradicionais da etnia pepel. Também, pode-se ver que nenhuma cerimônia se decide sem consultar a sua opinião e nunca um rito se inicia sem que eles sejam primeiramente invocados. Deste modo, vê que são povos apegados aos seus costumes.

Entende-se que para Cardoso (2003), antes da colonização por morte do régulo, o trono é assumido pelo sobrinho ou alguém da mesma *djorson*, o que significa que o poder não pode ser dado para a outra pessoa de qualquer jeito, mas permanece sempre aos nobres *djagras*.

Pode acontecer que antes da abertura da sucessão, o tio, detentor do trono, vivesse numa zona e o sobrinho ou outro po-tencial herdeiro numa outra. Ocorrida a morte, o sucessor ao trono deve mudar de local de residência a fim de poder assumir o poder. Este fenómeno, designado por *ndjo pia ossak* em língua papel, é conhecido em criol por *n' na bai iarda* ou *n' na bai ten tchon*, expressões que traduzidas para o português significam 'vou herdar' ou 'vou tomar conta da terra' ou, ainda, 'vou assumir o poder numa determinada zona'. (CARDOSO, 2003, p.161). De entre os sucessíveis, o tio pode escolher aquele de quem mais gosta, ou aquele que mais

serviços lhe presta, e conseqüentemente designá-lo como seu herdeiro. Esta decisão deve ser tomada bem antes da abertura de sucessão e comunicada necessariamente aos membros da família que normalmente se ocupam destes assuntos.(CARDOSO, 2003, p.161). A esta acção de designar o sucessor ou herdeiro, apesar de ser feita de forma verbal, chamamos de testamento tendo em consideração as particularidades das nossas sociedades tradicionais africanas, consideradas e reconhecidas por sociedades de tradição oral (CARDOSO, 2003, p 162).

Na época da colonização e após dela, verificam-se as outras formas de sucessão de reinado em que sentar no trono do reinado não depende só do querer do tio, mas vai depender de quem vai pisar no território em que os régulos vão ficar ou quem tem mais recursos. Ainda bem, em 2002, houve um acordo de associação dos filhos de *djagras* na secção de Bijimita como foi apontado acima a ser *régulo*. *Ôssäck*, é um dos rituais da etnia pepel a cumprir antes de ser régulo. , onde o mais velho das pessoas que participam no processo de “*Ôssäck*”⁸ que tem direito.

Desde o período pré-colonial muitos valores culturais e históricos africanos foram sacrificados. Hoje em dia assistimos a um extraordinário processo de degradação da memória colectiva colonial e pré-colonial do continente. Numerosos pontos de interrogação sulcam ainda o caminho que conduz ao objectivo final. É neste quadro negativo que a África entrou no novo milénio. (CARDOSO, 2004, p.98).

No caso da Guiné-Bissau, Cardoso (2004), vai nos dizer que desde o início da colonização o património escrito e cultural foi vítima de uma série de tragédias, por causa dos colonizadores e alguns fatores, como se aponta: a ocupação colonial, a guerra de libertação nacional e conflitos político-militar de 1998. Estas três etapas marcaram o triste balanço do património documental nacional, por causa dos danos que foram verificados e a desvalorização de forma administrativa dos povos guineenses, pois esta banalização prejudicou negativamente o património guineense.

Com a desvalorização da tradição que acontecia na época colonial os pepel não deixaram as suas formas de realizar as coisas, em conformidade com Cardoso (2004), os régulos continuam tendo aquele respeito pela comunidade, considerando as posições ocupadas, se vieram morrer os cadáveres são mantidos durante maior período do tempo, podendo ir até quinze dias.

No regulado de Bijimita, vê-se que os régulos têm os seus cimenteiros que ficam no reino de Bijimita. Neste cimenteiro que são inteirados os régulos, pois esta categoria social e política só podem ascender os indivíduos pertencentes àquela linhagem.

De acordo com Cardoso (2004), se por um lado os régulos pepel têm o privilégio de ter cimenteiro próprio, o tratamento a que são submetidos os seus cadáveres durante o percurso que vai da sua residência até ao cimenteiro, não deixe de ser controverso, pelo menos aos olhos de quem não pertencem a este grupo étnico, por razão que, de momento, não

⁸ *Ossack* significa, acima de tudo, o conjunto de tudo quanto existe no universo e/ou no mundo. Assim, nomeiam-se os astros, a terra e o mundo ou universo. (NANQUE, 2014, p.17).

conseguimos apurar. Tudo isso acontece na base das manifestações espirituais, porque antes de serem régulo, a primeira coisa é ir consultar a espiritualidade (*Bouker*), no entanto, depois da morte de qualquer régulo os familiares têm que voltar fazer algumas cerimônias antes do sepulcro. Também estes cadáveres recebem as outras formas de tratamento, diferentemente dos outros cadáveres que são carregados com estacarias até ao cimenteiro, o cadáver do régulo é arrastado em cima de uma pele de vaca mesmo que o percurso seja de vários quilómetros, pois segundo a história contada na aldeia ninguém tem a coragem de não fazer aquilo, porque se não cumprir os familiares vão morrer e, é uma tradição que tem que ser cumprida na sua íntegra.

Na tradição da etnia pepel o processo de reinado acontece em duas formas diferentes: Os que vão ao reino (*ply*) principal e os que vão para diferentes *tabancas*⁹, como demonstramos acima que existem sete *djorson*, então estes *djorson* têm os lugares específicos a se reinar, mas além de ser aquilo tem que passar primeiro em algumas etapas que a tradição recomenda, como: *fanado* (circuncisão) e casamento tradicional, são estas etapas que vão garantir a condição da participação nesta manifestação cultural. Na base disso, abordaremos acerca desses rituais necessários a este processo de regulado.

6.1 Fanadu

O *Fanadu* tradicional da etnia pepel, é um ritual muito importante que ocorre nesta tradição, tem o lugar, período, datas a ser realizado dependendo dos realizadores, também tem limitação entre quem cumpriu este ritual de *fanadu* e um *blufu*. Pode-se perceber isso através das práticas tradicionais, pois os que ainda não cumpriram têm sempre limitação em fazer certas coisas ligadas à tradição ou presenciar em certos lugares, o que o *blufu* pode fazer e o que não pode fazer, o que *fanadu* pode fazer e o que não pode fazer. Tudo está ligado a uma questão moral e de purificação dentro do que se considera como sagrado e que dá acesso aos outros rituais, por exemplo, herança familiar, herança de *tchon* (chão) e outros.

Para Té (2016), o *fanadu* torna a pessoa ser homem velho não pela idade, mas sim, em conhecimento de muitas questões ligadas à tradição, pois saber o momento de falar e não falar perante os anciãos ou na sociedade, também purificação e sacramento. Por outro lado, o *fanadu* é muito importante para os pepéis e serve como escola de formação e de educação tradicional, por isso, o desejo dos velhos desta etnia seria para que todos pepel cumprissem com a prática de *fanadu* (*pleke*). A questão do segredo, que não pode ser revelado, fica dentro dos que participaram deste mundo. O segredo, educação, purificação, sacramento e o saber

⁹ Tabancas, são jonas que compõem a seção de Bijimita

são foco principal do *fanadu*. Tudo está nas normas, leis, regras, ordem e ninguém pode fugir das regras.

6.2 Casamento tradicional da etnia pepel

Casamento tradicional na etnia pepel, é a união de duas pessoas de sexo distinto em que cada qual vai deixar as suas famílias, para formar a outra; com isso aconteça quando as duas se concordam casar e os familiares deles, porque antes de fazer o que é necessário por parte da tradição, acontece primeiramente a conversa entre o tio do menino que vai se casar e as famílias da menina para poderem agilizar a questão de dote e realização do ritual. Após diálogo e concordância entre ambas as partes, aí que o homem vai preparar os materiais necessários a fim de levar aos familiares da menina.

Além disso, antes da etapa de cortar o cabelo da menina, ela passa num processo de fazer pedido nas casas dos familiares e conhecidos, este ato acontece para alertar os familiares sobre o casamento que vai ser realizado. Sendo assim, os parentes passam a saber sobre a cerimônia de união de duas pessoas e o dia da realização. Portanto, após informar parentes, a mulher vai se submeter a corte de cabelo do dia do casamento depois que se encontra na casa do tio de marido, onde vai ficar dentro da casa durante um período de um mês ou dois meses, dependendo do lugar e dias marcado pelos familiares, porque os homens fazem celebração na casa do pai, mas a mulher fica na residência do tio de homem de acordo a cultura.

Segundo Té (2016), esta etnia, valoriza bastante quem cumpriu com o casamento tradicional, buscando conceitos e pontos de vista coletados nas entrevistas feitas a membros da sociedade pepel que já passaram pelo ritual. Esse ritual exige dos seus participantes certas regras, procedimentos, respeito e educação. O casamento faz com que a pessoa tenha valores de respeito e dignidade face aos que pertencem ao seu grupo étnico, onde passa ser visto como um homem completo, porque realizou o que a tradição pretende que ele/a realizasse.

Como se percebe, são uma das etapas importantes no processo de reinado que ninguém deve pular, porque existem as regras. Também a participação neste processo segundo a tradição oral não é fácil, pois dizem para participar no processo da manifestação tradicional (*karmusa tchon*), a pessoa tem que preparar primeiramente o seu corpo, porque a sucessão do poder dependerá da morte de quem vai ser régulo, não há um período determinado a reinar, isso significa vai haver o jogo espiritual com a tentativa de afastar uns aos outros no poder.

Entre os sete *djorson* que referimos, há uma linhagem designado a reinado principal que é *djagra*, pois esta linhagem é o foco principal do nosso trabalho e os restantes linhagem

reinam nas outras aldeias dentro da seção, mas o chefe do reinado principal o poder dele está acima dos outros como já apontamos. Com isso, existem quatro alas (lados) de *djagras* na Bijimita: *Djagras* de *Om*, *djagras* de *Clanghu*, *djagras* M' *dolan* e *djagras* de *ghunhé*. Entre *djagras* de *Om* e de *Clanghu* são dois irmãos, um está por cima e outros por baixo, mas os *djagras* de *Clanghu* não participam no processo de manifestação (*karmusa*) ao regulado principal, porém somente as três alas (lados) participam.

Um dos fatores de não participação de *djagra* de *Clanghu* no reinado principal é porque os *djagras* de *Om* que é irmão mais velho de *djagra* de *Clanghu* tinha feito um contrato com *iran* de *mdol*, então o mais novo ficou como o controlador daquele *iran*, pois não poderia ir para reinado principal a disputa do poder com o irmão, segundo a fonte dos anciões da tabanca. Além do reinado principal, há certos *tchon* (chão) específicos para *djagras*, estes *djagras* ficam nestes territórios com intuito de preparar para a reinado principal.

Segundo Nanque (2023), em representação dos filhos de *djagra* numa entrevista feita por CAP GB, em abril de 2023, desde 1983 morreu o régulo do reino principal de Bijimita e manifestaram (*carmusa*) 28 pessoas, pois não havia paz; até as mulheres ao fazer a cozinha não tinham coragem de deixar as panelas fora para pegar uma coisa dentro da casa, pois admitia-se o risco de acontecer qualquer coisa em qualquer momento, por exemplo, um adversário ou invejoso pode colocar o veneno na comida. Certamente, em muitas aldeias africanas faz-se a cozinha na varanda. A razão pela qual, decidiram reunir os filhos destes régulos para procurar a solução e evitar riscos de conflitos acirrados entre famílias. Esta reunião aconteceu a 09 de janeiro de 2002 das 07h00 às 19h00. Sendo assim, chegaram ao consenso e assinaram um acordo denominado de “Acordo dos filhos e amigos de *djagras* 1/2002”. O acordo prevê que para ser régulo de Bijimita não depende de recursos materiais e nem depende da ordem de chegada, mas depende da idade dos participantes no processo de reinado.

Visto que, desde aquela data os pepéis de Bijimita começaram a cumprir com aquelas normas em todas as tabancas de Bijimita. Porém em 2022, havia um conflito depois da morte de régulo de Quiúta chamado *Indjuki*, valendo ressaltar que, conforme as leis costumeiras, a tabanca de *Indjuki* é considerado como se fosse assembleia nacional popular, comparando-a com a constituição da República da Guiné-Bissau, que dá o direito ao presidente da Assembleia Nacional Popular assumir a presidência da República com a ausência do presidente da República ou da sua morte até a convocação de novas eleições.

De igual modo, quando o régulo de Reino morre, é o régulo dessa tabanca de Quiúta que assume o poder como chefe interino, assumindo todos os direitos e poderes legais,

incluindo o poder de dar posse ao novo régulo. O conflito aconteceu entre Soares Nanque e Arem Nanque que são dois concorrentes de Quiúta. Soares Nanque não queria que Arem fosse régulo. No entanto, quando morreu o régulo principal da aldeia de Quiúta, Soares Nanque, foi quem levou a garrafa primeiro ao régulo geral de Bijimita, com a intenção de tomar o poder, mas o régulo perguntou-lhe do mais velho que é Arem Nanque como quem deveria levar a garrafa primeiro na qualidade de quem vai assumir o poder segundo acordo dos filhos e amigos de *djagra* no ano 2002.

Neste conflito do reinado, causou a morte de um jovem de 20 anos no dia 02 de abril 2023, onde um grupo estava na manifestação culturais sobre o processo do reinado na outra tabanca, mas foram impedidos pela agente policial devido o processo que está em ocorrência no tribunal, pois na tentativa de impedir-lhes que aconteceu este ato de morte.

7. METODOLOGIA

Este trabalho será realizado na base da metodologia qualitativa. Como sabemos, este método traz algumas características, a saber:

Algumas características básicas identificam os estudos denominados /I qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando/captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nelas envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido por meio de diferentes caminhos. Iremos aqui apresentar alguns desses caminhos, fornecendo uma visão panorâmica de três tipos bastante conhecidos e utilizados de pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia (GODOY,1995, p.21)

Sendo assim, este método facilita especificar ou detalhar as situações que aconteçam no processo do reinado na seção de Bijimita. Entretanto, utilizando estudo dos casos que tem como objeto de análise num sentido amplo numa circunstância que se verifica no sistema de reinado, onde os dados serão coletados e analisados de uma forma explícita dentro daquela seção. Estudo de caso é um estudo profundo da natureza qualitativa, porque, além de observar em profundidade, analisar o fenômeno; existe também a avaliação importante da relação existente entre o pesquisador e o pesquisado, relação do observador e o fenômeno que esta sendo observado, neste contexto permitirá uma observação durante os tempos que dão para entender bem o que alguém quer estudar.

Segundo Garcia (2017), no estudo de caso, trata-se da interpretação de um contexto em que vários pontos de vista estão presentes, neste termo esta coleta dos dados serão usados para mapear os aspectos interessantes desta indagação. Em tal interpretação utiliza-se com

frequência a estratégia de triangulação, recorrendo para isso a uma variedade de dados coletados em diferentes momentos e em múltiplas situações que podem ser provenientes de diferentes informantes, dependendo do momento em que o investigador vai recolher as ferramentas no diário do campo ou com outro mecanismo favorável.

Usa-se também a triangulação de métodos ou de investigadores para garantir a qualidade dos resultados. Esse tipo de pesquisa procura retratar um fenômeno, revelando a multiplicidade de dimensões presentes, focalizando o todo sem perder de vista os detalhes dos fatos decorrentes do lugar da pesquisa com os elementos do pesquisador e os pesquisados, as situações específicas que permitem compreender o contexto.

Para Godoy (1995), os pesquisadores não partem de hipóteses estabelecidas a priori, não se preocupam em buscar dados ou evidências que corrompem ou neguem tais suposições que eles estão querendo pesquisar, porque, quando pesquisadores percorrem deste sistema, serão capazes de não obter bons resultados dos trabalhos programados. Partem de questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da investigação, baseando-se na linhagem do objetivo de assunto exposto, para não perder com o sentido do que está querendo aprofundar.

As abstrações são construídas a partir dos dados recolhidos em que o pesquisador vai ter com o pesquisado ou fenômeno, num processo de baixo para cima. Quando um pesquisador de orientação qualitativa planeja desenvolver algum tipo de teoria sobre o que está estudando, constrói o quadro teórico aos poucos, à medida que coleta os dados e os examina. Mas, antes de tudo será realizada a pesquisa bibliográfica baseada na revisão da literatura dos livros, artigos, textos e outros ligados ao assunto pesquisado, pois esta forma nos permitirá fazer uma busca dos vários autores que tentam pesquisar esta temática.

Além disso, como sabemos que para fazer uma pesquisa nas aldeias dos países africanos, é necessário seguir alguns parâmetros para poder atingir o seu objetivo. Sendo assim, segundo Vansina (2010), o estudo da tradição oral é um processo complexo que envolve uma série de etapas. O primeiro passo é a coleta de informações a partir de fontes orais, como entre vistas, histórias contadas por membros da comunidade, crenças e práticas culturais transmitidas oralmente, entre outros aspetos. Em seguida, é necessário avaliar a credibilidade das informações coletadas, buscando identificar possíveis erros de interpretação, omissões ou inclusões indevidas. Para isso, o estudioso deve levar em consideração o contexto cultural em que a tradição oral é transmitida, as características do narrador e como a história é contada, entre outros elementos.

A partir daí, é possível analisar as informações coletadas e elaborar hipóteses e interpretações sobre a história e cultura da comunidade estudada. Aqui, a metodologia deve ser comparativa, buscando encontrar semelhanças e diferenças entre diferentes relatos e práticas culturais, e também de longa duração, observando a evolução das tradições ao longo do tempo. Por fim, o autor destaca a importância da colaboração entre o estudioso e a comunidade estudada. É fundamental que o pesquisador respeite as tradições e crenças daquela população, buscando uma relação de diálogo e cooperação, e não de superioridade e imposição de conceitos ocidentais. Essa colaboração pode garantir uma maior precisão e profundidade na compreensão da tradição oral e sua relação com a história e cultura daquela comunidade.

Também como aponta Ki-Zerbo (2010), demonstra que a história faz parte de todas as disciplinas ou estudos, porque para surgir estas disciplinas no mundo acadêmico tem a razão ou acontecimento que levou-as. Com isso, aqueles acontecimentos foram um ato histórico que marcou o mundo. Também, vimos que a história dispunha tradicionalmente a sua fonte escrita, mas a história da África, por parte Sul do Saara, se identifica pela pobreza no que tem a ver com a escrita, antes do século XVI e, mais ainda, antes do século VII da era cristã. Em seguida, o autor tenta demonstrar que nenhuma disciplina fica isolada, pois todos auxiliam uns aos outros nos estudos. De mesmo modo aponta Hampaté bâ (2010), que nenhuma disciplina pode beneficiar de uma abordagem particular do fato real e complexo do mundo Africano. Ainda bem, os grandes depositários da herança oral são os chamados “tradicionalistas”. Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas. Estes mestres, são *Bo-yeck* (anciãos) ou conhecedores do processo da tradição étnica.

Por outro lado, vamos continuar trabalhar com a pesquisa bibliográfica baseada na revisão da literatura, na qual procuramos trabalhar com textos, livros, artigos e outros documentos relacionados com a temática que orientam a nossa pesquisa, porque é importante desde o início de uma pesquisa científica, pois é através dela que começamos a agir para conhecer o assunto a ser pesquisado, ou seja, desde o início, o pesquisador deve fazer uma pesquisa de obras já publicadas sobre o assunto pesquisado, para tentar adquirir um pouco da temática que lhes facilitará melhor no processo de indagação, investigando as conclusões e se ainda é interessante desenvolver a pesquisa sobre esse determinado assunto. Conforme Sousa et al., (2021), mostra que em toda pesquisa científica é importante apresentar o embasamento teórico ou a revisão bibliográfica elaborada na investigação de obras científicas já publicadas, para que o pesquisador adquira o conhecimento teórico. Através da pesquisa bibliográfica o

pesquisador faz o levantamento de informações que sejam relevantes na construção da pesquisa científica.

Em seguida, pretende-se executar uma etnografia, método antropológico usado também em diferentes áreas para recolha dos dados associados a uma forma onde indivíduo envolve a uma convivência durante alguns tempos mais ou menos prolongada do indagador (a) juntamente a comunidade a ser estudada. A execução da investigação de campo etnográfico retruca, pois, a uma disposição científica de produtividade de dados de saber antropológico a com início de uma correlação entre o investigador e o sujeitos investigados que inter-relacionem no cenário, percorrendo a princípio as técnicas de indagação, aliás práticas da inquirição direta, de diálogo informais e formais, as entrevistas não-diretivas.

Nesta perspetiva, pretendemos realizar um trabalho de campo na Guiné-Bissau, onde permitirá ter um contato direto de longa duração com os pesquisados com o intuito de compreender ou descobrir profundamente a realidade que pretendemos pesquisar do grupo étnico pepel concretamente em Bijimita.

De acordo com Eckert e Rocha (2008), demonstram que a pesquisa etnográfica envolve a interação no espaço cotidiano, fazendo um diálogo da proximidade com a experiência do tempo que flui. Esta comunicação se densifica com a instrução da língua do “nativo” para entender as suas conversas quando necessário, com aplauso dos sotaques ou das diferenças.

8. CRONOGRAMA

EXECUÇÃO DE PESQUISA	PERÍODO MESES	2026										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I. REVISÃO BIBLIOGRÁFICO		X	X	X	X	X	X	X				
II. PREPARAÇÃO PARA COLETA DOS DADOS		X										
III. COLETA DE DADOS			X	X	X	X						
IV. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO						X	X	X				

V. PRODUÇÃO FINAL DO TRABALHO										X	X		
VI. REVISÃO DO TRABALHO											X	X	
VII. ENTREGA DO TRABALHO													X

9. REFERÊNCIAS

ALUSIVO à dia de Bijimita, 02 de **Dezembro comemorado dia de Bijimita** [s.l:s.n] 2021. 1 vídeo. Cultura de Biombo. Disponível em: <https://youtu.be/ekd64hsZek>. Acesso em: 05 Abril 2023.

BICARI, Lino: **Reorganização das comunidades Rurais Base e ponto de partida para o Desenvolvimento moderno da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 2004.

CARDOSO, Carlos; RIBEIRO, Rui. **Considerações sobre as estruturas socioeconômicas das sociedades agrárias e a sua evolução histórica: um estudo de caso**. Bissau: INEP, 1987.

CARDOSO, Leonardo. **Sistemas de herança entre os papeis, manjacos e mancanhas**. Bissau: INEP, 2003.

CARDOSO, Leonardo: Os Brame: **Da morte ao eterno**. Bissau: INEP, 2004.

CARVALHO, Clara: **A Revitalização do Poder Tradicional e os Regulados Manjaco da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 2003.

CAOMIQUE, Policarpo Gomes. **Estado e poder tradicional na guiné-bissau: uma análise da (re)inserção dos líderes tradicionais de caió no cenário político e administrativo (1991-2020)**. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2022.

CASSAMÁ, Lassana. Régulos na Guiné-Bissau: **Entre a autoridade tradicional e a política. Guiné-Bissau**. Disponível em: 15 maio 2018.
<https://www.voaportugues.com/a/r%C3%A9gulos-na-guin%C3%A9-bissau-entre-a-autoridade-tradicional-e-a-pol%C3%ADtica/4394728.html>. Acesso em: 11 dez 2023.

DJALO, Tchernó. **O mestiço e o poder: identidades, dominações e resistências na Guiné**. Lisboa, Nova Vega, 2012.

DOMINGOS, Luís Tomás. **Visão africana em relação à natureza**. In: ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e

religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.ht>.

ECKERT, C; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia: Saberes e Práticas**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 27 abr. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Bruno. **Movimentos estudantis em guiné-bissau em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade para todos(as)**. In: *Alfenas, MG*, 2021. 127f:il.-

GUINÉ-BISSAU. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS (INE). **Recenseamento geral da população e habitação**. Bissau: INE, 2009. Disponível em: <http://arks.princeton.edu/ark:/88435/dsp01w6634600z>. Acesso em: 27 out. 2023.

GUINÉ-BISSAU. Agente de Saúde Comunitária de Centro de Saúde de Bijimita (ASC). **Populacao da região de Biombo 2023**. Bissau: ASC. Acesso em: 14 abril. 2023.

GUINÉ-BISSAU. **Posse de terra no reino de Bijimita polícia da intervenção rapida** [s.l:s.n] 2023. 2 vídeo. CAP GB. Disponível em: <https://www.facebook.com/cabecasaospes/videos/651117963711619/?mibextid=wpbo4e68yv x9pgqk>. Acesso em: 25 maio 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

KI-ZERBO, Joseph. Os métodos Interdisciplinares para estudos da África. In: **História geral da África volume 1: metodologia e pré-história da África.**, Brasília: UNESCO, 2010.

LAGP, Silva, Mercês NNA. **Multiple case study applied in nursing research: a case report**. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(3):1194-7. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-716720170066>. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/877886/mod_resource/content/1/2_M ATTA_Voc%C3%AA%20tem%20cultura.pdf

NANQUE, Honório Lima. Comparação entre a cultura do grupo étnico papel e a cultura do grupo étnico balanta da Guiné-Bissau. **Revista Faz Ciência**, [S.l.], v. 24, n. 39, p. 137–155, 2022.

NANQUE, Julmira Fernando: **Ritual de casamento "kmar" do povo pepel**. O Sao Francisco do Conde. 2021. Disponível em: https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3076/1/2022_proj_jul_mirananque.pdf. Acso em: 14 nov. 2023.

NANQUE, Papa Paulo: **A fundação da terra ou dos reinos segundo a cosmologia pepel**. Antropologia, Universidade de São Paulo, Brasil. Bissau/2014.

PIRES, Inaida Antonio: **Onkonte Aka Epro Banha?** Por que a barriga pede tanto? Uma etnografia sobre o casamento do povo Pepel da Guiné-Bissau1. : Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v.6, n.6, Outubro de 2021.

SOUSA, OLIVEIRA, ALVES, Angélica Silva de Sousa1 Guilherme Saramago de Oliveira2 Laís Hilário Alves3: **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

VANSIMA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia.** In História geral da África Volume 1: metodologia e pré-história da África., Brasília: UNESCO, 2010.

VELOSO, Caetano. Revista Brasileira de História das Religiões. **Maringá** (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 23 set.2023.